

A rua do peixe, e o oceano de todos os peixes

Meu avô materno era de Florianópolis. Na velhice, por artes da vida, foi morar no interior de São Paulo.

Dali vinha às vezes a Santos, acompanhando minha avó, quando minha mãe ia ter bebê. Chegava na casa da avenida Conselheiro Nébias, onde morávamos, punha a mala no chão, e corria para a Ponta da Praia, comprar peixe.

Estou lembrando disso agora, ao visitar a rua do Peixe.

Tatá, o vendedor, mostra para Yara uma tejereba (são muitos os peixes com nome indígena): “veja como é linda!”. De fato, são todos lindos, na sua variedade, no seu viço. Sinto-me criança, com meu olhar saltitando, como num viveiro de pássaros, sobre as espécies, cores, formatos e aspectos diferentes. Ah, como ele gostaria de a ter conhecido!

Fico feliz por morar em Santos, e acho uma benção ter a rua do Peixe, onde podemos comprar peixe fresco.

A essa altura de minhas divagações, sou interrompido, em minhas divagações, pelo meu amigo Renato Prado, coordenador de projetos do Forum da Cidadania de Santos: - Sérgio, você é muito sonhador. Seja um pouco prático, e ouça o que tenho a dizer: em primeiro lugar, você sabe que a rua do Peixe está por poucos dias. Em segundo lugar, também os peixes, de modo geral, não hão de durar muito. É possível que as futuras gerações só os conheçam nos livros ou filmes. Não sou alarmista, mas veja esses fatos.

Anualmente são produzidas, no mundo, cerca de 300 milhões de toneladas de plástico; desse total, quase 8 milhões chegam aos oceanos, e devido às correntes marítimas se concentram em áreas como a do “Sétimo Continente” (um continente de plástico!), que ocupa uma superfície de quase 1,6 milhão de quilômetros quadrados no oceano Pacífico (o equivalente a três vezes a superfície da França continental). Considerando que o tempo de decomposição de alguns desses materiais pode ser de até 450 anos, ao ritmo atual em 2050 (quando as crianças nascidas em 2018 terão 32 anos) os oceanos conterão mais plásticos do que peixes.

Essa degradação compromete todo o ecossistema oceânico, com destaque para a expressiva mortalidade de animais e aves marinhas que engolem plásticos, além dos impactos no ciclo de vida dos

fitoplânctons, responsáveis pela produção de metade do oxigênio do planeta. Os oceanos possuem um limiar de tolerância para se adaptar aos impactos ambientais, e sofrerão danos irreversíveis se não o respeitarmos.

Tornam-se urgentes ações conjugadas envolvendo o setor público, o setor produtivo e os demais setores da sociedade. As políticas públicas e a legislação deverão evoluir com restrições ao uso de plásticos de utilização única, fiscalização e políticas de saneamento básico mais efetivas. O setor produtivo deverá assumir suas responsabilidades com a logística reversa, viabilizando a evolução da reciclagem, da reutilização e da economia circular. A sociedade deverá se mobilizar, participando da busca de soluções e impulsionando mudanças de comportamento, desde a fonte do problema: o consumo desenfreado de descartáveis.

A ONU está promovendo a campanha “Mares Limpos”, buscando articular e reunir forças no combate à poluição dos oceanos; em apoio a essa mobilização acontecerá em Santos, com início no dia 5 de junho, a “Grande Ação Oceanos Livres de Plásticos”, dentro da qual se realizará o “I Seminário Internacional Oceanos Livres de Plásticos”. O Fórum da Cidadania de Santos e o Instituto Polis compartilham a realização desse evento, juntamente com a CODESP, a Prefeitura Municipal de Santos e diversas instituições da sociedade civil. Veja a programação do evento, que começa no dia 5 de junho, em www.oceanoslivresdeplasticos.eco.br. Se você puder participar, tenho certeza de que seus descendentes terão mais um motivo para lhe agradecer por ter vivido.